



ID: 46654277

15-03-2013 | Ípsilon

As imagens do silêncio

Valter Vinagre expõe uma série sobre a violência.

Luísa Soares de Oliveira

Olha

De Valter Vinagre.

Lisboa. Cordoaria Nacional. Av. Índia. Tel.: 213637635. De 3ª a 6ª, das 10h às 19h. Sáb. e Dom., das 14h às 19h. Até 23

Fotografia.

★★★★★

O texto do livro que acompanha esta exposição de Valter Vinagre, assinado por Celso Martins, começa com uma interrogação capital: "Como fotografar o silêncio?" E o que é certo é que esse silêncio acaba por ser a grande companhia da violência,

doméstica e não só, que o fotógrafo escolheu para trabalhar nesta série que agora expõe na Cordoaria Nacional.

Valter Vinagre, de facto, trabalha por séries, que tem exposto regularmente desde finais da década de 80. Enquanto decorre esta exposição, inaugura uma outra na Galeria de Lisboa, e está já a trabalhar num novo projecto que incidirá sobre uma época histórica precisa. A temática da violência, e dos sinais que esta deixa, levou-o a contactar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que lhe abriu as portas dos refúgios para vítimas de violência que existem por todo o país, Açores e Madeira incluídos. O resultado é um conjunto magnífico de fotografias a preto e branco, que se distribui na sua quase totalidade por uma das salas do primeiro andar do edifício da Cordoaria.

Valter Vinagre nunca fotografa o óbvio. O que encontramos nestas imagens são sinais, restos, marcas de qualquer coisa que já aconteceu. Os olhares, os modos como as mulheres ou as crianças escondem o rosto ou preferem ser fotografadas de costas, nos quartos atulhados de sacos de plástico que testemunham a sua condição, são disso um exemplo. Há feridas, braços ao peito, insultos grafitados numa parede que testemunham dum modo mais óbvio o drama de cada um. Mas as imagens mais expressivas são aquelas que testemunham a tristeza que perpassa num olhar como o do ourives que, um dia, teve uma arma encostada à cabeça durante um assalto. É o que fica depois dos gritos, dos golpes, da morte, até — uma fotografia de uma rapariga morta, provavelmente tirada pela polícia, um saguão de agência funerária,

os brinquedos inocentes que as crianças conseguem levar para a casa-refúgio, as mãos que envolvem uma barriga de grávida num gesto de carinho e protecção que todos conhecemos.

Valter Vinagre conta as histórias que estão para lá das imagens que vemos, e nelas sobressai um tempo particular que é tudo menos estático. Exceptuando na imagem do quarto de um jovem falecido que é conservado pelos pais como um relicário, tudo nestas imagens, desde os corpos aos espaços ou aos objectos, é transitório, efémero, fugidivo. Também aqui, a violência é implícita e não explícita: subjaz às paredes, às costas das personagens, aos objectos que se amontoam nos espaços, à impossibilidade da permanência.

Diz-se que a violência (doméstica ou outra; pense-se, por exemplo, no *bullying*) provoca na vítima um sentimento de vergonha que resulta da total falta de amor próprio e na consequente culpabilização por tudo o que se sofreu. Daí a ocultação, primeiro de tudo aquilo que se passa entre as quatro paredes da casa, depois das próprias vítimas em relação a uma sociedade que, apesar da lei que a condena, ainda olha para estes casos como situações estranhas, alheias ou, pior, sem importância. O ver, o "olha" para que o título da exposição remete, não é apenas um imperativo moral, é também o efeito de uma mesma sociedade que muda, embora a passos tímidos, a sua atitude perante um mal que lhe é transversal. Valter Vinagre, embora não o diga nunca nos títulos que deu a cada imagem (identificada por um lugar, uma data, e às vezes um nome feminino entre aspas), conhece todas as histórias, sabe quem morreu entretanto, quem sobreviveu, de onde vinha e o que fazia cada vítima, da professora universitária à migrante do Leste europeu. Este "olha" condensa-se nos olhos imensos, encimados por uma ligadura branca, que permitem à única mulher devolver-nos um olhar paradoxalmente cheio de dignidade. É a única vítima que o faz frontalmente, restando-nos a nós, espectadores, imaginar a relação de confiança que o fotógrafo com ela conseguiu estabelecer.



A mulher de cabeça ligada é a única "vítima" fotografada por Valter Vinagre que nos devolve um olhar frontal